

A Escola Da Ponte E A Formação De Leitores

Escola Da Ponte And Readers' Education

Patrícia Cesário Pereira Offial

Doutor Pela Universidade Federal De Santa Catarina

Professora da Universidade do Vale do Itajaí

E-mail: neitzel@univali.br

Adair De Aguiar Neitzel

Mestre pela Universidade do Vale do Itajaí

Professora do Centro Universitário Leonardo Da Vinci

E-mail: paticesario@hotmail.com

Endereço: Patrícia Cesário Pereira Offial

Rua Victor Breneisen, 47, Centro, Barra Velha, SC, CEP 88390-000.

Endereço: Adair De Aguiar Neitzel

Rua Boa Vista, 200, Centro, Blumenau, SC, CEP 89107-000.

Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho

Artigo recebido em 10/03/2015. Última versão recebida em 11/03/2015. Aprovado em 19/03/2015.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação.

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida sobre a formação de leitores na Escola da Ponte, Portugal, com o objetivo de compreender a concepção de literatura que essa escola possui e sua ressignificação no cotidiano com os alunos. Os procedimentos metodológicos implicaram em observação da rotina da Escola da Ponte durante quinze dias e entrevista com gestores, professores e alunos. Os resultados apontam para várias ações que fazem parte do projeto pedagógico da escola e auxiliam os alunos a ter autorregulação da aprendizagem, alinhadas ao Programa Nacional de Leitura de Portugal, levando-os a tomar decisões quanto à escolha dos livros. As diferentes ações e projetos de leitura desenvolvidos demonstram a importância da leitura do literário no Projeto Pedagógico da escola, o que favorece a formação de leitores.

Palavras-chave: Escola da Ponte. Formação de Leitores. Leitura.

ABSTRACT

This article presents the results of a research carried on readers' education at *Escola da Ponte*, Portugal, with the aim of understanding the conception of literature that this school has and its resignification in everyday life with students. The methodological procedures involved the routine observation of *Escola da Ponte* for fifteen days and interviews with administrators, teachers and students. The results point out to several actions that are part of the education program of the school which assist students to have learning self-regulation, aligned with the Portugal National Reading Program, prompting them to make decisions regarding the choice of books. The various actions and reading projects developed demonstrate the importance of reading the literary text in the Pedagogical Project of the school, which favors the readers' education.

Keywords: Escola da Ponte. Reader's education. Reading.

O PROJETO EDUCATIVO DA ESCOLA DA PONTE

Querida Alice... Era uma vez um reino encantado junto ao mar. Encantado porque uma fada má havia transformado todos os seus habitantes em pássaros. No reino encantado havia cidades e, para além dos muros das cidades, outras cidades e outras escolas. Essas escolas de aprender a voar eram quase todas iguais. E iguais a essas eram outras escolas dentro das cidades das aves.
José Pacheco

O foco desta pesquisa é a formação de leitores na Escola da Ponte. Para entender as concepções que envolvem esse processo, faz-se necessário identificar a organização do projeto educativo dessa escola, para, a partir dela, compreender as ações que são desenvolvidas acerca da leitura do literário. Nesta análise, fazemos também algumas considerações sobre a história da leitura no Brasil, pontuando alguns avanços sobre o tratamento da leitura do literário na escola e como as pesquisas interferem na construção de políticas públicas brasileiras de leitura. Nesse movimento, introduzimos o Plano Nacional de Leitura de Portugal para contextualizar como as concepções e as ações da Escola da Ponte encontram-se alinhadas com seus fundamentos e com seus projetos.

Para iniciar a discussão que propomos, trazemos como epígrafe uma citação do livro *Para Alice com amor* (PACHECO, 2004, p. 18), pois nela José Pacheco conta um pouco da trajetória do projeto que chamou de “Fazer a Ponte”. Essa obra relata, por meio de metáforas, as experiências do autor nos tempos anteriores à entrada de Alice, sua neta, na escola. O educador descreve como eram as escolas em que havia trabalhado, relembra o cotidiano escolar, os problemas e os desafios que encontrou na longa jornada rumo ao desejo de uma escola de qualidade. Na história, antes de Alice entrar na escola, todos seguiam os mesmos manuais, repetiam as mesmas lições. Periodicamente esses alunos eram submetidos a testes, aplicados igualmente a todos, no mesmo espaço e tempo, limitando os alunos aos mesmos padrões.

Em Portugal, essa situação impulsionou a idealização de um modelo educativo que nasceu do Círculo de Estudo da Escola da Ponte, uma formação de professores que não se destinava somente a capacitá-los, mas a partilhar ideias e ideais, em busca de possíveis soluções para os problemas relacionados ao ensino e à aprendizagem. Desse Círculo de Estudo, surge a proposta de uma escola cuja organização curricular constrói-se por meio de dimensões: Lógico Matemática, Naturalista, Linguística, Identitária, Artística, Pessoal e Social.

Nessa escola, os conteúdos - selecionados pelos orientadores das dimensões -, são fixados em murais para que os alunos visualizem e percebam o que precisam trabalhar, uma

ação que auxilia a autonomia e, também, a autorregulação da aprendizagem. Dessa forma, os discentes são incentivados a pesquisar os conteúdos com os quais eles próprios comprometem-se em estudar. Quem planeja é o aluno participante¹, e a pesquisa é um dos principais recursos para auxiliar os estudos. Nessa escola estadual, não há uma divisão de alunos participantes por séries ou por idade, mas por núcleos, conforme as competências, que o aluno participante desenvolve. Há o Núcleo de Iniciação, de Consolidação e de Aprofundamento. Cada núcleo apresenta determinadas competências a serem desenvolvidas no educando, e a transição de um núcleo ao outro ocorre a partir da identificação dessas competências. Para um aluno participante avançar de núcleo, ele precisa estar preparado demonstrando responsabilidades, autonomia, criatividade, autodisciplina, persistência e concentração nas tarefas, participação em debates, comprometimento com o grupo, etc.

No que diz respeito aos instrumentos de avaliação, chamados também de dispositivos, eles são vistos como ferramentas para auxiliar no desenvolvimento contínuo do aluno. Eles são percebidos como estratégias pedagógicas que ajudam o aluno a nortear seus estudos. O processo de avaliação diferencia-se pela amplitude de dispositivos que o aluno tem a sua disposição e pelo livre arbítrio que ele possui podendo optar pelo tipo de avaliação que deseja fazer. Também cabe ao aluno decidir quando está pronto a responder o instrumento avaliativo.

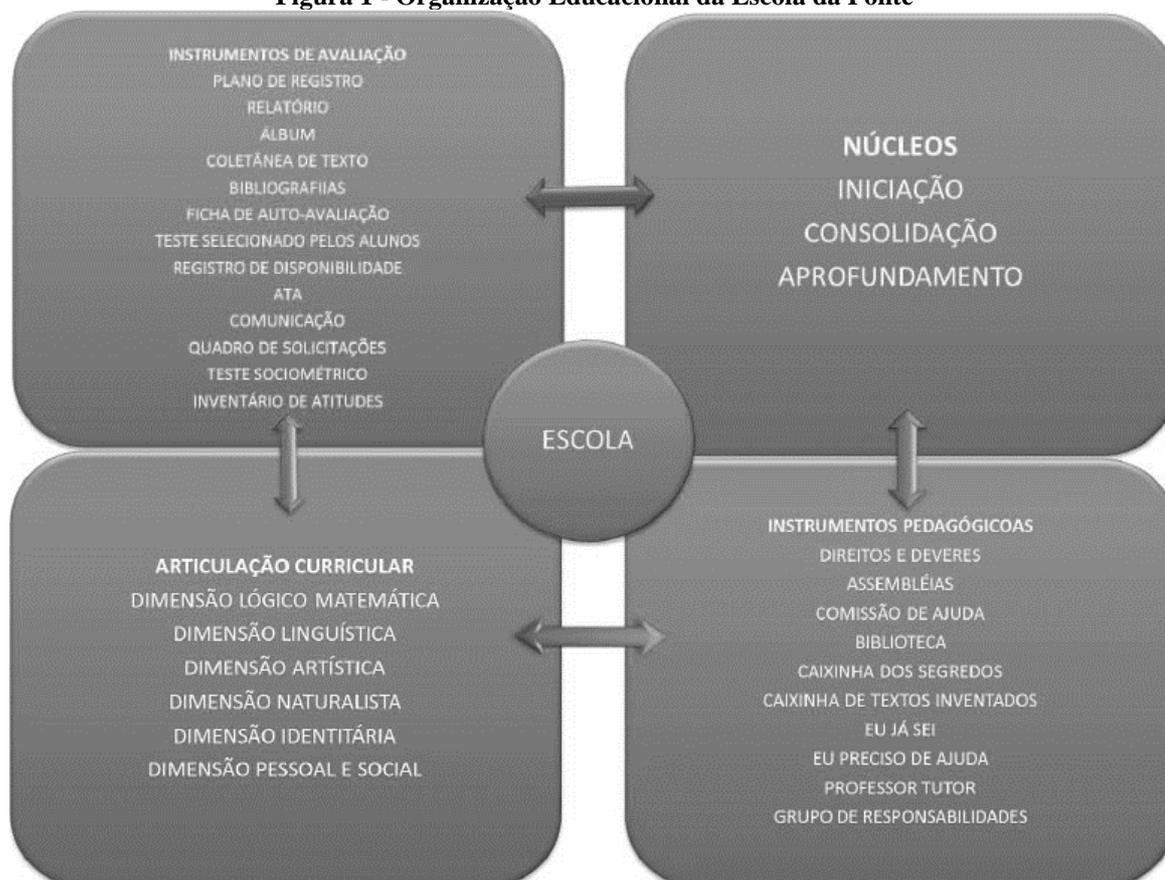
Para aprender para a cidadania, os alunos organizam-se em grupos e inscrevem-se para qual responsabilidade irão comprometer-se: Biblioteca/Material Comum; Bar; Computadores e Música; Murais; Recreio Bom; Correio da Ponte; Visitas da Ponte; Arrumação e Material Comum; Jogos de Mesa; Terrário e Jardim; Jornal. Há murais com desenhos dos alunos e dispositivos pedagógicos: “Pesquisa em casa”, “Eu já sei”, “Acho bem”, “Acho mal”, “Posso ajudar em”, “Clube dos leitores”, “Preciso de ajuda”. Em “Eu já sei”, os alunos participantes escrevem o tema dos assuntos que já demonstram maior domínio. Essa prática auxilia aos demais colegas que apresentam dúvidas relacionadas ao mesmo assunto ajudarem-se. Facilita, também, para o professor identificar os conteúdos que o educando conseguiu compreender e programar a avaliação.

Um currículo dessa natureza vem acompanhado de outras ações democráticas cotidianas, como a construção de “Direitos e deveres”, “Assembleias”, “Comissão de Ajuda”, exemplos de atividades realizadas na escola as quais possibilitam um ambiente de diálogo e

¹ Conforme Pacheco (2010), os alunos participam ativamente de todo o processo educativo, por meio de muitas ações em grupos de responsabilidades. São também responsáveis pelo planejamento de seus estudos. Por isso compreende-se que as crianças desta Escola são participantes, levando-nos a chamá-los aqui de “alunos participantes”.

de democracia. Além disso, a forma como os alunos lidam com o tempo é outro diferencial, quem determina o tempo de aprender, de avaliar, de pesquisar, de ler, é o próprio educando, em um processo de autorregulação. A seguir, a figura 1 sintetiza a organização do projeto educativo da Escola da Ponte.

Figura 1 - Organização Educacional da Escola da Ponte



Fonte: Elaborada para fins de pesquisa com base no Projeto Educativo da escola (ESCOLA DA PONTE, 2003).

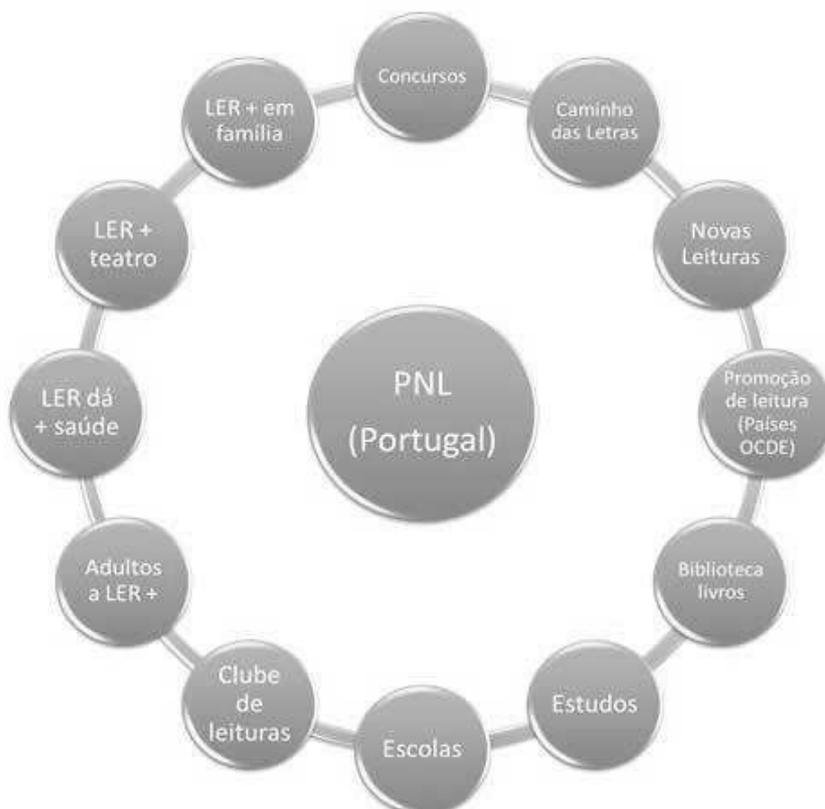
Mariana (2008, p. 116) destaca três elementos que fortalecem uma educação integral, os quais são desenvolvidos nessa escola: “[...] a realização periódica de assembleias e a cogestão de escola pelos estudantes; o estímulo ao autodidatismo através da diluição do ensino seriado em grupos de estudos; o envolvimento da escola com a comunidade.” Seu ponto forte pode ser identificado nas atividades que não são separadas por turmas ou idades e por partirem do interesse dos alunos. Trazemos todo esse contexto no qual se insere a Escola da Ponte, porque ele é importante para entendermos a concepção dos professores sobre a literatura e sua ressignificação na prática de sala de aula cotidiana.

METODOLOGIA

Este é um estudo exploratório de abordagem qualitativa. Os sujeitos desta pesquisa foram professores, coordenadores e alunos da Escola da Ponte, Portugal. A equipe de educadores é formada por vinte e nove orientadores educativos, os quais são professores, tutores e membros do conselho de gestão. Optamos por entrevistar seis professores e quatro coordenadores. O grupo de professores foram graduados entre os anos de 2003 e 2007, sendo a Escola da Ponte o primeiro trabalho na sua carreira do magistério, exceto de um professor, que entrou na escola após um ano formado. Dos seis professores entrevistados, quatro possuem especialização na área da educação e dois são mestres. Já as coordenadoras concluíram sua graduação há mais tempo, das quatro entrevistadas, somente uma graduou-se no ano de 2005, as demais nos anos de 1989, 1994 e 1999. Com relação ao tempo de exercício no magistério, os professores apresentam uma média de oito anos e os coordenadores, treze anos. Utilizamos como instrumentos de coleta de dados entrevistas, questionário e observação dos alunos com registro fotográfico. A observação deu-se na sala de aula e nos espaços de convivência da escola, durante duas semanas, perfazendo um total de 60 horas. As entrevistas foram categorizadas segundo a análise de conteúdo (BARDIN, 2007).

Como a Escola da Ponte lida com o literário?

As escolas de Portugal têm como base norteadora o Plano Nacional de Leitura (PNL), criado em 2006, o qual apresenta diversas atividades ligadas ao incentivo à leitura, com o objetivo de promover as competências de leitura por meio de vários projetos de incentivo à leitura, conforme mostra a figura 2.

Figura 2 – Programa Nacional de Leitura em Portugal

Fonte: Adaptada pelas autoras com base no PNL de Portugal.

Entre os projetos que envolvem as bibliotecas, citamos a Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), criada em 1995, com o propósito de instalar bibliotecas nas escolas em todos os níveis, para incentivar a leitura por meio de projetos em parceria com as escolas de Portugal. Segundo pesquisa de Balça e Pires (2012), há, no país, programas de leitura que se efetivam, pois trazem um modelo de funcionamento em rede, o PNL, a RBE e as escolas: “Assim, todos estes fatores se conjugaram para, progressivamente, a leitura e a leitura do texto literário estarem presentes na escola, através do seu espaço biblioteca escolar” (BALÇA; PIRES, 2012, p. 95). Há, assim, uma preocupação dos programas com a competência leitora em sala de aula. Segundo as autoras, os professores são orientados no trabalho com as obras literárias quanto a critérios que priorizem o corpo do texto, a qualidade, a diversidade textual, a integridade do texto, a intertextualidade. A sintonia da RBE com o PNL amplia, assim, as possibilidades de leitura nas escolas portuguesas.

Por conta de seu tamanho físico, em Portugal há uma intervenção mais direta dessas duas instâncias nas escolas, facilitando a implementação e o acompanhamento de políticas públicas. No entanto, a Escola da Ponte desenvolve ações que são norteadas pelo PNL e outras que são iniciativa da própria escola. Diante desse contexto, perguntamo-nos como a

Escola da Ponte, que tem um projeto educativo diferenciado, lida com o texto literário? Qual a concepção de literatura com a qual essa escola vem trabalhando? Este estudo permitir-nos-á problematizar como a educação literária pode dar-se em um processo artístico, mas também sistematizado, que promove o pensamento complexo.

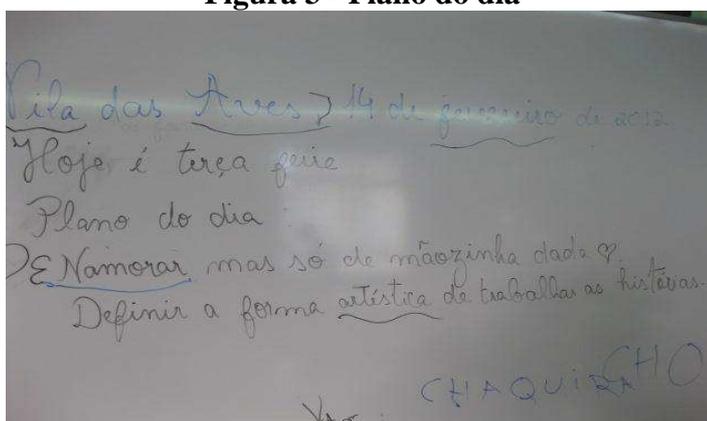
RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por que escrever histórias? O professor José Pacheco e eu responderíamos: “Porque as histórias, como a poesia, são linguagem do coração. O coração as entende. E bate mais rápido...Uma história tem o poder de transformar uma pessoa. Ou mais precisamente: para abrir-lhe o segundo olho...O quando o segundo olho se abre o que se vê é ... uma criança...Esse é o lugar onde a educação se inicia. Assim nós dois pensamos...”
Rubem Alves

Rubem Alves (*apud* PACHECO, 2003, p. 12, prefácio), ao falar da Escola da Ponte, remete-se à literatura, às histórias que escrevemos, que contamos e que ouvimos. Essa arte é lembrada porque o texto literário é composto de literariedades que, para serem desveladas, faz-se necessário recorrer não apenas ao saber inteligível mas também ao sensível, lembrando que ambos os saberes não podem ser compreendidos de forma apartada. Ao falar da literatura, Rubem Alves faz uso das palavras de José Pacheco, que a descreve como a “linguagem do coração” que possui a função estética de abrir-nos o “segundo olho”, uma literatura que promove a abertura para o saber sensível, possibilitando o encontro de diferentes culturas e múltiplas visões.

A imagem que lemos na lousa (ver Figura 3) do Núcleo da Iniciação da Escola da Ponte apresenta registros que evidenciam um cuidado com o texto literário: “Definir a forma artística de trabalhar as histórias”. Por outro lado, sinaliza que a sua leitura não será feita apenas para apreciação estética, mas também com fins de produção; no entanto esta deverá respeitar a categoria artística do texto, garantida pelo enunciado “forma artística”.

Figura 3 - Plano do dia



Fonte: Foto do banco de dados coletados na Escola da Ponte em 2012.

Em entrevista com uma das coordenadoras da Dimensão Linguística, buscamos subsídios que nos permitissem apreender como o texto literário é entendido pelo corpo docente e trabalhado na escola. Por meio da fala a seguir, constatamos que o conto é um disparador de ideias e que a produção que advém a partir dele parte do planejamento feito pelo grupo de alunos.

Eles já leram o conto e vão começar a surgir ideias. O conto também tem uma parte filosófica, existencial, eles terão também uma sessão de filosofia ... filosofia para crianças em que possibilidade de um espetáculo que é uma adaptação dessa obra. Mas de tudo isso, eles terão que pegar no conto e fazer uma forma artística, eu não sei o que eles irão e onde é que vão seguir, pode ser uma dramatização, pode ser digital, pode ser outra leitura, pode ser uma música, não faço a mínima ideia, onde é que eles vão seguir. Depois, a articulação entre a história da quinzena e a Dimensão Artística, este ano os projetos artísticos são no âmbito das viagens da obra “Os Lusíadas”. (Sujeito 1).

Esse movimento – que se dá no seio do próprio grupo –, reflete a concepção da escola e dos professores acerca do texto literário: um texto que vai moldar-se pelas mãos do leitor e que não apresenta chaves de leitura, que se presta a muitas leituras e releituras. O ensino da literatura na perspectiva da fruição não se distancia nem nega o desenvolvimento de competências leitoras, ao contrário, o texto literário pode ter sua função estética resguardada mesmo quando ele é explorado de forma sistemática. A pesquisa de Pinto (2014, p. 125) sinaliza que a educação literária precisa propor também o pensamento complexo, “[...] propiciar condições, oportunidades, espaços e metodologias, de forma rigorosa, que assegurem ao estudante explorar ao máximo as potencialidades do texto artístico e expandir seu ângulo de percepção”.

A exploração das potencialidades do texto dá-se em diversos espaços na Escola da Ponte e, por isso, não há uma biblioteca central, pois o projeto educativo contempla que os alunos interajam diariamente com os livros em diversos momentos da aula. Devido a isso, os livros didáticos, literários e informativos devem estar o mais próximo possível dos educandos. Os professores dessa escola não indicam diretamente os livros literários aos alunos, mas incentivam os educandos por meio de diferentes ações.

Os professores entrevistados manifestam reconhecer a diferença entre os textos literários e outros, como o informativo. No entanto, mesmo sendo leitores e entendendo a função estética da literatura, eles assumem que dispõem de pouco tempo para usufruir de uma obra literária. A maioria dos professores entrevistados lê mais sobre livros ligados à área profissional, relacionados à Educação, à Matemática, à Geografia, conforme a especificidade de cada um. Quanto às coordenadoras, das cinco entrevistadas, duas estão lendo leitura

literária e três sobre Educação.

Essa constatação também se aplica aos docentes da Educação básica no Brasil. O professor nem sempre é um leitor voraz do texto literário, como apresentado nas pesquisas de Neitzel e Carvalho (2010), e isso influencia na sua formação de educador. Para as pesquisadoras, quanto mais o professor interage com obras artísticas, entre elas as literárias, mais ele se apropria dos saberes sensíveis, e essa apropriação ampliará sua visão sobre a docência, a qual se constitui não apenas de saberes pedagógicos e da experiência, mas também os pessoais, isto é, as vivências culturais. Questionados sobre a função da literatura, a maioria dos professores relacionou a literatura ao prazer, ao conhecimento e à ampliação de visão de mundo, auxiliando o leitor a lidar com os problemas cotidianos.

- *Essencialmente para relaxar.* (Sujeito 2).
- *Como forma de prazer, conhecimento, conhecer outras culturas, viagem, vazão.* (Sujeito 3).
- *Ajudam a lidar com problemas que vem surgindo na escola, como lidar com os alunos.* (Sujeito 4).
- *Além de ser um prazer, faz parte da minha vida. Um incentivo, um instrumento de trabalho, não só para mim, mas também para os alunos.* (Sujeito 5).
- *Por prazer, sobretudo, curiosidade.* (Sujeito 6).

Se buscarmos em Barthes (2010) a definição de fruição, veremos que ela se distancia da ideia de prazer, pois, para Barthes, o texto de prazer leva à euforia e à satisfação. O leitor debruça-se sobre o texto para encontrar “as chaves de leitura”, entrega-se ao seu enredo de forma confortável e interessa-se pelo encadeamento dos fatos. Mais do que prazer, o texto literário quer provocar o leitor, colocá-lo em estado de perda, pois a literatura oferece ao leitor várias possibilidades de entrada no texto, de resignificação da obra. Por isso, a concepção de literatura frutiva afasta-se da ideia de prazer e está ligada à concepção de literatura como objeto estético e artístico.

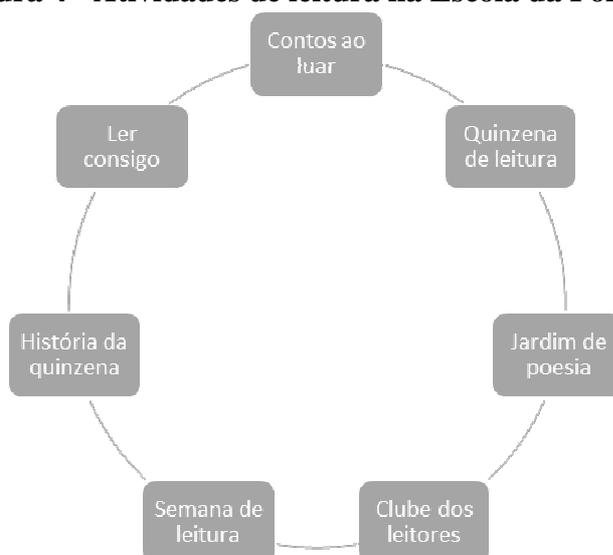
Um texto frutivo é uma “esfoladura”, diz-nos Barthes, porque nos coloca “em estado de perda”. Perda do quê? Das certezas que compõem nossa “arca de palimpsestos”, pois o bom texto literário balança nossas bases históricas, culturais e psicológicas. No entanto, a relação do texto literário com o prazer e não com a fruição pelos professores é compreensível no âmbito da Educação Básica, porque estamos lidando com leitores em formação e, logicamente, queremos que a obra literária chegue às suas mãos não apenas como um objeto que será investigado, riscado, perfurado, para que seus sentidos sejam desvelados, mas também como um objeto estético. O prazer, nesse caso, refere-se ao lúdico, à sedução do texto pelo viés artístico. De acordo com Neitzel e Carvalho (2010, p. 175), “[...] a literatura é arte e

como tal existe sem a necessidade de possuir uma utilidade, pois é criada para produzir uma sensação estética, a fruição”.

Ao longo de nossa observação, constatamos que a Escola da Ponte possui um enorme contingente de atividades relacionadas à leitura, e que essas atividades ora têm fins apenas apreciativos, de escuta e leitura em voz alta ou em silêncio, ora têm fins de estudo do texto de forma mais sistematizado. Uma dessas propostas integra atividades promovidas pelo PNL, a saber: a Semana da leitura. Ela é uma ação implementada pelos alunos e professores e tem como objetivo promover o gosto pelo livro e pela leitura por meio de atividades como: *Escadote das Adivinhas* (cada vez que acertam uma adivinha, sobem um degrau da escada); *Chá com livros* (um encontro com livros, em que as crianças compartilham suas histórias e deliciosos chás para tomar); *A pesca de histórias* (estratégia de incentivo à leitura, em que os alunos realizam pescarias das histórias); *Poesia: próxima paragem* (os alunos declamam poesias em Comboios, que são os trens); *Cantas ou cantilenas* (dramatizações de textos, na escola e no Lar de idosos). A cada ano surgem novas propostas de atividades que vão sendo agregadas à Semana de Leitura, e assim esse projeto nacional é ressignificado pelos alunos e professores.

Esses projetos, que são de âmbito nacional, são adaptados e ampliados pela escola. Criaram-se a partir deles outros projetos de leitura (Figura 4), tais como: *Quinzena da Leitura*, *Contos ao Luar*, *Ler Consigo*, *Clube dos Leitores*, *Jardim da Poesia*, entre outras

Figura 4 - Atividades de leitura na Escola da Ponte



Fonte: Elaborada pelas autoras com base nos dados coletados na Escola da Ponte.

Todas as atividades buscam promover o gosto pelo livro e pela leitura, sensibilizar para a importância da leitura na sociedade atual, desenvolver a criatividade e o sentido estético e artístico dos alunos, aproximar a escola da comunidade e elevar os níveis de literacia dos alunos e familiares. Assim, as discussões em torno do texto literário evidenciam que, em sua construção textual, está, em primeiro plano, a elaboração da linguagem. São atividades que exploram a potência estética do texto sem focar-se no discurso utilitário, mas que visam, também, ao desenvolvimento de competências leitoras. Uma educação literária complexa, segundo Pinto (2014), não perde de vista as especificidades do campo literário, ao contrário, pelo viés artístico, ela explora suas diversas dimensões e níveis. A seguir, apontaremos algumas ações de leitura desenvolvidas na Escola da Ponte que sinalizam como a leitura do literário faz parte de um projeto educativo mais amplo, pensado pela comunidade escolar, que preza pelo desenvolvimento de competências leitoras e o enriquecimento do capital cultural e individual dos sujeitos.

A leitura do literário... a quantas anda?

Segundo Lajolo (2007, p. 106), “Cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando”. Essa concepção de leitura permite-nos entendê-la como um processo cumulativo, que vai sendo ressignificado pelo leitor e que vai produzindo ressonâncias na sua experiência de vida. Muitas formas de ler o texto literário na escola e descortinar formas artísticas de ele ser partilhado é um dos objetivos do projeto *Quinzena de leitura*. Ele congrega muitas atividades no âmbito da leitura, tais como: *O que andas a ler*, *Percussão pela vila*, *Próxima Paragem*, *Poesia- Ensaio com música*, *Drama*, *Apresentação dentro do comboio* - as quais envolvem toda a escola e comunidade educativa. A organização dessa quinzena e a preparação das sessões são tarefas partilhadas com os alunos, os quais assumem o papel de dinamizadores.

Esse movimento literário nasce da necessidade do texto literário ser apresentado ao leitor pelo viés da fruição estética e da apreciação crítica da produção literária. A Escola da Ponte, ao acreditar na potência da literatura, entende que o texto precisa ser vivido cotidianamente, e, por isso, a *Quinzena da leitura* é o espaço que os alunos têm de compartilhar o que estão lendo, uma forma de dizer que a leitura precisa fazer parte de suas vidas não de forma episódica, mas contínua.

Experiências de leitura são partilhadas com a família também. É o caso do projeto *Os contos ao Luar*, que traz para a cena da escola a comunidade, ampliando, assim, as

possibilidades de formação de sujeitos leitores por meio da leitura oral, da escuta. Essa proposta de leitura teve início na Biblioteca de Beja - um município vizinho da Vila das Aves -, à noite, relacionada a datas comemorativas. Atualmente, ela acontece na própria comunidade onde está inserida a Escola da Ponte, não se restringindo somente aos alunos, mas aos pais e à comunidade. A intenção é ampliar o repertório literário dos pais por meio da declamação de poesias, de contos, relacionados a uma data comemorativa. Essa política de leitura, a qual envolve a comunidade, que visa que os textos literários cheguem às mãos do leitor por meio de leituras em voz alta, aponta a responsabilidade da escola na formação de um público leitor. Segundo Neitzel e Carvalho (2014): “Conhecer o texto pela voz do contador de histórias pode levar o leitor a ler o texto, e de posse dele retomar a história, lê-la sozinho, e passamos a ter a coexistência do texto oral e do escrito”.

As autoras discutem como o texto que é mediado pela figura do contador de histórias - neste caso os alunos -, pode abalar o leitor e levá-lo a beber o texto ouvido, em um processo que elas denominam de “movência”. “O leitor embebe-se do texto e suas recordações são acionadas e construídas” (NEITZEL; CARVALHO, 2014, p. 19). Segundo as autoras, ao ouvir o texto, abre-se o “[...]” laço para um universo que pulula na mente do leitor, um processo que se dá no silêncio de suas memórias”. Na escuta do texto o leitor “[...]” nutre-se das histórias, e nessa relação silenciosa entre leitor e obra, mediada pelo contador de histórias, pode-se atingir a fruição estética” (NEITZEL; CARVALHO, 2014, p. 19).

O projeto *Ler Consigo* trata de levar autores, escritores, ilustradores, dramaturgos, ou outra pessoa da comunidade para ler uma história na escola. Normalmente, são convidadas pessoas ligadas à literatura, mas também família e pessoas da Vila. Essa dinâmica tem como objetivo promover a ideia de que ler é importante, unindo, nessa ação, alunos, escola e comunidade. Segundo Neitzel, Pareja e Hochmann (2013, p. 789), essa é “[...]” uma experiência que permite ao leitor estabelecer uma interlocução com o produtor do livro, ampliando suas percepções e sua sensibilidade pela obra, questionando e discutindo suas possibilidades de construção de sentidos.” Esse projeto pressupõe uma troca comunitária em que pessoas exteriores à escola são convidadas a partilharem leituras com os alunos. A seleção desses convidados nasce das motivações e dos interesses dos alunos, visto que são eles que sugerem os nomes de quem gostariam de receber, colaborando, também, na preparação das sessões. Para Lajolo (2005, p. 33, grifo da autora): “Comentar a leitura é uma boa forma de incentivar o leitor a ‘fazer sentido’ do que lê ou do que ouve ler. Ler e ouvir entendendo ensina que leitura não é mera sucessão de sons ou de letras”.

Há, também, partilhas de leituras diárias com a participação de alunos, de orientadores educativos, de visitas, de pais, de sujeitos da comunidade educativa ou qualquer outro convidado que se disponibilize. A gestão desses momentos é orientada pela equipe da Responsabilidade da Biblioteca, que se reúne uma vez por semana. Toda essa dinâmica parte da compreensão do ato de ler não como um ato operacional e mecânico, mas como uma atividade que convida “[...] as crianças a experiências de pensamento-ação a partir de experiências reais de contato com os livros” (RAMOS; PAIVA, 2014, p. 435). Para Ramos e Paiva (2014), o trabalho com os textos literários visa exercitar atos e jogos de linguagem, que incentivem a autonomia do pensamento.

Alguns projetos da Escola da Ponte focam mais na apreciação do texto literário, apostando que, ao propiciar uma relação estética com o texto, o simples ato de ler pode alargar as competências leitoras. Outros visam à exploração das literariedades do texto, de forma mais sistemática, sem “[...] perder de vista as ligações e pertinências que as partes estabelecem entre si e com a totalidade que cada obra em si encerra” (PINTO, 2014, p. 126). A *História de Quinzena* é um desses projetos que possibilita aos alunos explorar as potencialidades literárias do texto e expandir sua percepção. O projeto apresenta histórias em uma caixinha e desse repertório os alunos devem escolher aquela sobre a qual eles responderão os *guiões da leitura* (este instrumento corresponde no Brasil às fichas de leitura). Esse é um projeto que visa trabalhar a interpretação escrita do texto, com a intenção de possibilitar ao leitor em formação condições de ampliar suas competências leitoras levando-o a atingir níveis de leitura mais profundos.

Segundo Bridon (2013), a escola precisa desenvolver estratégias de leitura que não se foquem apenas na decodificação e na compreensão literal do texto, mas que propiciem aos discentes condições de perceber o texto de forma menos superficial, competências que os permitam lidar com textos mais longos e complexos. A autora defende a ideia de que é necessário adotar metodologias que levem o aluno a ser um leitor produtivo, adquirindo todos os níveis de compreensão leitora: decodificação, compreensão literal, inferência e monitoramento, permitindo a ele embrenhar-se pelo discurso persuasivo e aberto. O leitor produtivo é aquele que lê com postura investigativa, busca descortinar o implícito, elabora perguntas, faz conexões com outros textos, cria hipóteses, faz descobertas e as aplica em situações novas. Enfim, o leitor produtivo é aquele que frui o texto. Assim como Pinto (2014), Bridon (2013) defende a ideia de que cabe à escola a responsabilidade de possibilitar ao aluno perceber o texto na sua profundidade. Não basta, portanto, apenas despertar o gosto pelo texto, é preciso outras estratégias que o permitam sair da superficialidade do enredo.

Ramos e Paiva (2014, p. 442) afirmam: “Exercícios interativos na sala de aula ou em espaços estimulantes podem criar empenho leitor e apreciação das obras, de modo a fazer com que as crianças se aventurem pelas histórias e seus sentidos por meio da ação direta sobre os objetos-livros”. *O Jardim da poesia* é uma proposta em que os alunos participam registrando seus pensamentos e sentimentos de forma artística e poética. Ela é preparada por um grupo de alunos que faz a recolha, a seleção e a organização de todos os poemas escritos pelos colegas. Os poemas são expostos nos murais e no jornal da escola. Os alunos são convidados, também, a partilhar seus poemas por meio de declamações. Com essa ação, a escola busca promover o gosto pela escrita de poesia, incentivar a criatividade dos alunos e divulgar as produções poéticas dos alunos no seio da comunidade. Há, também, uma apresentação chamada de *Reedição do Jardim da Poesia* que ocorre no final de cada ano letivo. Nessa época, os alunos expõem de forma artística suas poesias, utilizam teatro, dramatização, canto, declamação, conforme a organização dos próprios alunos com o apoio dos orientadores. Uma aluna da Escola da Ponte comenta sobre o impacto dessa ação na formação literária dos alunos.

Para falarmos sobre o “Jardim da Poesia”, podemos dizer que serve para melhorarmos a capacidade de nos exprimirmos, de imaginarmos coisas bonitas...Em todos os espaços da nossa escola há dispositivos. Mas no pavilhão Rubem Alves existe um dispositivo chamado o “Jardim da Poesia”. [...] Andam todos entusiasmados em desenvolver a sua veia poética ou, então, em pesquisar poemas. Nós adoramos esse dispositivo! Alivia a nossa alma! Quem ainda não experimentou devia experimentar. (Cátia Rafaela e Marina Sofia. Disponível no jornal da Escola da Ponte)².

Uma vez despertado o desejo de ser leitor, passa-se para outra etapa que é a proficiência na leitura. As atividades anteriormente mencionadas não só promovem o desejo pelo texto, mas também competências relacionadas à leitura e à produção escrita. Segundo Petit (2009, p. 29), por meio da leitura do literário “[...] torna-se mais hábil no uso da língua; conquista-se uma inteligência mais sutil, mais crítica; e também torna-se mais capaz de explorar a experiência humana, atribuindo-lhe sentido e valor poéticos”. Quanto mais o sujeito lê, mais vivências vai agregando, ampliando sua arca de palimpsestos, pois ler “[...] é conhecer a experiência de homens e mulheres, daqui e de outros lugares, de nossa época ou de épocas passadas, transcritas em palavras que podem nos ensinar muito sobre nós mesmos [...]” (PETIT, 2008, p. 94).

Sabemos que para a formação de leitores não é suficiente que os livros estejam perto da criança, à sua disposição. A escola necessita criar situações envolventes para que os

² Disponível em:

<http://www.escoladaponte.pt/site/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=95&Itemid=541>. Acesso em: 31 mar. 2015.

leitores sintam vontade de usá-los. Mas como levar o livro para as mãos dos leitores de forma que façam sentido nas suas vidas? Como a leitura pode ser percebida como uma experiência estética interessante? Convidar o leitor a participar de um grupo que quer viver uma experiência estética rica é um bom começo.

Clube dos leitores é um projeto cuja iniciativa é dos alunos responsáveis pela biblioteca, e ela consiste no empréstimo de obras para alunos e professores. Quinzenalmente, durante o recreio, o grupo dessa responsabilidade organiza o espaço para a exposição de livros (ver Figura 5). As obras requisitadas no *Clube dos leitores* são para ser simplesmente lidas, sem compromisso com qualquer outra atividade.

Figura 5 – Espaço escolhido para exposição de livros



Fonte: Fotos tiradas pelas pesquisadoras na Escola da Ponte.

Os alunos escolhem as obras literárias tendo a liberdade de contar ou não o que leram. Podem compartilhar obras que já leram com seus colegas no clube dos leitores, indicando as leituras preferidas - caso não gostem de alguma obra, também compartilham. Há diferentes formas de o aluno contar o que leu, e a escolha é dele ou do grupo, dependendo do projeto no qual estão inseridos.

Não só os alunos participam, mas também professores e demais funcionários da Escola da Ponte. Há alunos dos três núcleos envolvidos, entre sete e quinze anos de idade. Para emprestarem um livro, eles precisam assinar seu nome em uma folha e comprometer-se em devolver sem danos e na data prevista, caso contrário os responsáveis por esse projeto terão que orientar e cobrar o cumprimento dos deveres. Se o caso não for resolvido, será levado à assembleia, onde todos os alunos e professores discutirão abertamente os meios de resolução desse conflito. Esse projeto busca estabelecer uma relação, segundo Pennac (2008), de “amorosidade” com a obra literária. O autor compara essa ligação a um namoro, propõe um clima de romance entre leitura e leitor. Utiliza esta metáfora para alertar que essa relação

precisa ser amorosa, ou seja, deve partir de interesses e não de imposições. “[...] o fim é a obra. A obra nas mãos deles” (PENNAC, 2008, p. 119).

Todas essas atividades aqui analisadas demonstram que há um movimento literário muito forte na Escola da Ponte que aproxima o aluno do livro de literatura. Há uma preocupação da escola em provocar a curiosidade dos alunos pelos livros, por meio de variadas estratégias, mas não só. A participação dos alunos no planejamento das atividades a serem feitas acerca da obra literária e a clareza dos professores de que essas atividades precisam ser artísticas, porque estamos lidando com a arte, permite-nos afirmar que a Escola da Ponte vive um movimento de educação literária por meio do processo frutivo, e, ao mesmo tempo, busca promover competências de leitura que levam ao pensamento complexo, por meio de estudos sistemáticos do texto. Lajolo (2005, p. 12) afirma: “É na escola que os alunos precisam viver as experiências necessárias para, ao longo da vida, poderem recorrer aos livros e à leitura como fonte de informações, como instrumento de aprendizagem e como forma de lazer”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Você se aproxima de Lotaria, estende uma das mãos para as folhas soltas
diante dela e pergunta:
- Posso? – Você procura apropriar-se do romance. Mas aquilo não é um
livro, é um caderno rasgado. E o restante? – Desculpe, estou procurando as
outras páginas, a continuação.
- A continuação?...Ah, mas aqui já existe o suficiente para um mês de
discussão, não acha?
- Não era para discutir, era para ler.
Ítalo Calvino*

Trazemos esse fragmento do livro de Ítalo Calvino (2011, p. 95), *Se um viajante numa noite de inverno*, porque ele nos apresenta dois leitores: um que se ocupa com o livro de literatura para, por meio dele, fomentar discussões, promover debates, estabelecer relações entre outros textos, enfim, lidar com ele das mais variadas formas. Outro que se ocupa com o livro para simplesmente lê-lo, possuindo-o pelo amor à literatura. Estará Lotaria cega a ponto de não vislumbrar no texto literário sua função estética? Um texto literário terá de sempre abdicar de sua função utilitária em favor da estética ou vice-versa? Ou podemos vislumbrar situações em que ambas as funções convivem harmonicamente? As atividades de leitura promovidas pela Escola da Ponte e os depoimentos dos professores permitem-nos afirmar que a escola vive um movimento de literatura frutiva expressa no dia a dia da Escola da Ponte, articulando as funções estética e literária de forma harmoniosa. Em parte, o êxito na formação de leitores dá-se por conta da articulação das políticas escolares com as políticas públicas

(PNL) e das ações que são ressignificadas na escola, tendo em vista que elas são planejadas pelos próprios alunos e professores (e por isso não poderíamos começar a falar dos projetos de formação de leitores sem antes apresentar o projeto educativo da Escola da Ponte).

O aluno escolhe seus livros espontaneamente, já que este é gestor de seu tempo e de sua aprendizagem. Cada ambiente possui livros sugeridos pelo PNL, como também pela Dimensão Linguística em conjunto com os alunos da responsabilidade da biblioteca. Segundo entrevistas realizadas na Escola pelas pesquisadoras, a seleção de livros acontece por núcleos e pelas competências leitoras do aluno. Em cada núcleo, há um espaço com uma grande variedade de livros de diferentes gêneros: lendas, narrativas tradicionais, poesias, contos, adivinhas, etc. Ao escolherem as obras literárias, os alunos têm a liberdade de contar ou não o que leram. Podem compartilhar obras que já leram com seus colegas no Clube dos Leitores, indicando as leituras preferidas. Há diferentes formas de o aluno socializar o que leu, e a escolha é dele ou do grupo, dependendo do projeto no qual estão inseridos. A literatura nessa escola está ligada diretamente com outras artes, como o teatro, produções plásticas e música. O respeito, a autonomia, a responsabilidade são pressupostos fortemente ligados a toda e qualquer ação. Em síntese, a observação na Escola da Ponte, tendo como foco o uso que fazem da leitura literária, levou-nos a concluir que:

- Há várias ações que auxiliam o aluno a ter autorregulação da aprendizagem, entre elas, a ficha da “aula direta”, a qual o aluno preenche para solicitar aula de um determinado tema que ele não domina. Dessa forma, os alunos são envolvidos nas tomadas de decisões, coletivas e individuais, e esse processo de autorregulação o auxilia a tomar decisões quanto à escolha dos livros e a forma como compartilhar ou não a leitura.
- A escola e/ou professores não indicam diretamente os livros literários aos alunos, mas incentivam os alunos à leitura por meio de diferentes ações e projetos, demonstrando, assim, a importância da leitura do literário no Projeto Pedagógico da escola.
- Há uma variedade de livros didáticos nos espaços da escola – a qual reconhece a importância de apresentar ao aluno uma diversidade de obras -, possibilitando diferentes visões a respeito de um mesmo conteúdo curricular. Os professores não utilizam os livros didáticos para centralizar atividades de leitura literária - seu uso volta-se principalmente à pesquisa.
- A escola faz uso dos “guiões da leitura” (ver Anexo A) – aqui no Brasil conhecidos como “fichas de leitura”, que fazem parte do projeto *História da Quinzena*. Tendo em

vista que o aluno atua como protagonista das ações de leitura, participando no planejamento, execução e avaliação do processo, a ficha de leitura é percebida pelo grupo como mais um instrumento que auxilia a aprendizagem, sem trazer mutilações aos leitores.

- O projeto educativo da escola coloca a pesquisa como princípio educativo, favorecendo a leitura uma vez que ela promove o desenvolvimento de competências leitoras.
- Os professores reconhecem que dispõem de pouco tempo para leituras de obras literárias.
- O contexto educativo da escola prioriza a leitura. Esta ocorre em vários espaços dentro e fora da escola em diferentes tempos, envolvendo também a família e comunidade externa.
- O aluno encontra-se inserido no universo da leitura, pois o acesso ao livro literário dá-se por meio de vários projetos e a escola pode ocupar-se em aprimorar as competências leitoras por meio de exercício de escolarização da leitura sem que isso fragilize o processo de formação de leitores.
- As ações de leitura tomam, como princípio, que a literatura é arte, e essa concepção determina que as produções que nascem da leitura do texto literário precisam ter um viés artístico.

Destacamos que nenhuma prática de leitura da Escola da Ponte está isolada de seu Projeto Educativo, e, por isso, pode-se observar uma sólida educação literária. Há uma forte ligação de todas as ações em seus principais eixos: a autonomia, a responsabilidade e a solidariedade. E são respaldados nesses eixos que todos os projetos se constroem. Esses eixos revelam a preocupação da escola com a formação do sensível; perceptível, inclusive, no entendimento de que uma biblioteca deve fazer parte do cotidiano do aluno, inserida no mesmo espaço de estudo. A escola oportuniza espaço e tempo para leitura fruitiva e para experiências artísticas, que possibilitam a interação com a diversidade de textos, abrindo caminhos para a fruição estética, mas também para a elaboração do pensamento complexo por meio da exploração do texto segundo instrumentos forjados pelas teorias da literatura e/ou literária. Portanto, um projeto de leitura eficiente, que impacte na formação de leitores, requer da escola mais do que ações isoladas de acesso ao livro, ou ainda apenas projetos de fruição literária. Ele precisa estar alinhado com as políticas públicas, fazer parte do projeto educativo

da escola, e ser percebido na própria organização de seu espaço físico, de sua compreensão de currículo e ter os alunos como protagonistas.

REFERÊNCIAS

BALÇA, Â.; PIRES, M. da N. O ensino da leitura literária na escola, em Portugal: do discurso oficial às práticas. *Nuances: estudos sobre Educação*. Ano XVIII, v. 21, n. 22, p. 93-105, jan./abr. 2012.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edição 70, 2007.

BARTHES, R. *O Prazer do Texto*. Tradução J. Guinsburg. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BRIDON, J. *Entre um texto e outro, o leitor em formação*. 2013. 159f. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI, Itajaí, 2013.

CALVINO, Í. *Se um viajante numa noite de inverno*. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

ESCOLA DA PONTE. *Fazer a ponte: Projecto Educativo*. Maio de 2003. Disponível em: <<http://www.escoladaponte.com.pt/documen/concursos/projecto.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2011.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. 12 imp. São Paulo: Ática, 2007.

_____. **Meus alunos não gostam de ler...O que eu faço?** Campinas, SP: Cefiel/IEL/Unicamp, 2005-2010. Coleção Linguagem e Letramento em Foco.

MARIANA, F. B. *Educação e Ecologia: práticas de autonomia social ou renovados discursos do poder do capital transnacional?* 2008. 180f. Tese. (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, São Paulo, 2008.

NEITZEL, A. de A.; CARVALHO, C. Convite à arte: a fruição como saber sensível essencial à humanização do homem. In: PINO, A.; SHLINDWEIN, L. M.; NEITZEL, A. de A. (Orgs.). *Cultura, escola e educação criadora: formação estética do ser humano*. Curitiba: CRV, 2010. p. 171-184.

NEITZEL, A. A.; PAREJA, C. J. M.; HOCHMANN, S. Práticas inovadoras de leitura na escola: o livro como objeto estético. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos** (online), Brasília, v. 94, n. 238, p. 770-794, set./dez. 2013.

OFFIAL, P. C.P. *Formação de leitores do literário: uma experiência na Escola da Ponte*. 2012. 135f. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI, Itajaí, 2012.

PACHECO, J. *Escola da Ponte: Formação e Transformação da Educação*. São Paulo, SP. Vozes, 2010.

_____. *Para Alice, com amor*. São Paulo, SP: Cortez, 2004.

_____. *Sozinhos na escola*. São Paulo: Didática Suplegraf, 2003.

PENNAC, D. *Como um romance*. Tradução de Leny Werneck. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008. (Coleção L&PM Pocket).

PETIT, M. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: 34, 2008.

PERROTTI, E. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986. (Coleção Educação Crítica).

PINTO, F. N. P. Por um ensino literário complexo. *Leitura: Teoria & Prática*. Campinas, v. 32, n. 6 2, p. 115-127, jun. 2014.

RAMOS, F. B.; PAIVA, A. P. M. A dimensão não verbal no livro literário para criança. *Revista Contrapontos*, Itajaí, v. 14, n. 3, p. 425-447, set./dez. 2014.

Anexo A – Modelo de Guião

Escola Básica da Ponte- Quinzena 11 / 11

HISTÓRIA da QUINZENA: “História da Gata Borracheira”, de Sophia de Mello Breyner**Andresen**

GUIÃO de LEITURA ORIENTADA - Nível 2

1. Pesquisa sobre a bibliografia da autora do conto que acabaste de ler.
2. Identifica o modo de apresentação da narrativa predominante no início do conto: a narração, a descrição ou o diálogo. Justifica a tua resposta.
3. Refere o nome da personagem principal.
4. Como se sentiu Lúcia no seu primeiro baile? 5. Explica o sentido da seguinte passagem: “Como se elas, afirmando não saber quem ela era, a atirassem para o mundo das coisas inexistentes.” (p. 13).
6. Menciona os argumentos utilizados, timidamente, por Lúcia para convencer a tia a mudar o vestido lilás que lhe destinou.
7. “Aqui o meu vestido é uma espécie de anti-passaporte que me proíbe a passagem para o mundo deles.”
 - 7.1. Comenta a importância das aparências na sociedade retratada neste conto.
 - 7.2. Já alguma vez te sentiste menosprezado(a) por causa da tua aparência ou conheces alguém que tenha passado por essa situação? Relata o contexto em que isso aconteceu, os sentimentos vividos e o modo como foi ultrapassado.
8. O rapaz que dançou com a Lúcia via aquela festa e perspectivava a vida de um modo distinto da protagonista. Compara essas duas posições perante essas realidades.
9. Durante a festa, Lúcia sentiu-se bastante humilhada. Qual é o percalço que ocorreu quando dançava com o rapaz?
10. Lúcia recorda a opção que fez, no passado, perante dois caminhos: viver com a família uma vida pobre ou viver com a tia que lhe prometia todas as coisas de que precisava. Se estivesses no lugar de Lúcia, que caminho seguirias? Por quê?
11. Resume a segunda parte deste conto.
12. Consideras que o destino de Lúcia foi justo? Justifica a tua opinião.
13. A nossa sociedade vive dividida entre as aparências do materialismo, da ânsia de fama e de prestígio social e os valores. Imagina um conjunto de diferentes dilemas, como o que Lúcia viveu, e prepara um pequeno debate sobre os mesmos. Bom trabalho.